



ARTE E ESCOLA RELAÇÕES DO PÚBLICO ESCOLAR COM A ARTE CONTEMPORÂNEA E POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO

Karine Storck - UFRGS

Resumo: O presente texto foi desenvolvido a partir da pesquisa do TCC, igualmente intitulado, realizado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais pelo Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal investigação discute o lugar das artes visuais na educação formal, por meio da vivência com estudantes das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino, situada na zona central de Porto Alegre. Tem como principal objetivo pensar estratégias de aproximação do público escolar em relação à arte, mais especificamente à arte contemporânea. Para tanto, foram realizadas atividades de sondagem, visando conhecer as ideias deste público sobre o tema em questão; na sequência, foram elaboradas algumas propostas de ensino/aprendizagem, buscando estimular ou incrementar esse contato. A investigação, portanto, pauta-se no convívio, na proposição de alternativas, na realização de atividades mobilizadoras e na reflexão a partir dos resultados obtidos.

Palavras-chave: ensino de arte; público escolar; arte contemporânea; estratégias educativas.

Não é necessário ir muito longe para perceber o imenso descompasso que há entre a produção artística contemporânea e o ensino de arte na escola. Quando no primeiro encontro com cada turma, questionei os estudantes sobre “o que para eles era uma aula de artes”, a grande maioria mencionou as palavras “bagunça” e “desorganização”, ou outras afins, inclusive um termo, para mim até então desconhecido: “guerra de giz”. Para os alunos, portanto, aula de Artes Visuais era isso: *bagunça, desorganização, guerra de giz...* Em algumas turmas, também surgiu a percepção de que as aulas apresentavam “falta de conteúdo” e, quando questionados sobre como deveriam ser os encontros, um grande número de alunos mencionou que deveria haver “mais imagens” e “história da arte”. Os alunos tinham consciência de que havia mais coisas para se trabalhar em arte, mesmo que em um único período semanal, e que este poderia ser conduzido de maneira interessante.

Lembro, no entanto, que o público escolar não é composto somente por alunos, o público discente, é também formado pelo corpo docente, e considero que a postura deste reflete diretamente nas ideias dos estudantes.

Certa vez, entrando na sala dos professores da escola na qual realizei esta pesquisa, presencio o seguinte diálogo:

[Professora 1] *Ah! Monet eu até gosto!*

[Professora 2] *Hmm... É, Monet até vai...*

[Professora 1] *Mas o resto...*

[Professora 2] *Não, o resto não dá pra engolir!*

[Professora 3] *Mas gurias, vocês tem que ver que na história...*

[Professora 2] *Ah! Nem vem! Depois que começa Picasso e tal, já não dá mais para aceitar. É um absurdo!*

A situação descrita acima mostra a postura de alguns professores frente arte, e indica o que eles pensam sobre tal, sugerindo certo preconceito em relação à arte pós-Monet, ou seja, em relação à arte moderna e à arte contemporânea. Então, como nós, professores de arte, vamos querer que os alunos demonstrem uma postura diferenciada, aberta e reflexiva, se os próprios colegas (professores) apresentam tal atitude frente ao que desconhecem? Sobre isso, vale uma digressão de Fernando Sabino acerca do “desconhecido”:

Desde que os homens se organizaram em sociedade, tiveram de depender do lugar-comum para sobreviver. Segundo Mencken, ele nasceu do medo do desconhecido. A segurança da sociedade humana estaria na suposição de que o homem reagirá sempre de maneira já conhecida e consagrada, para não criar uma nova situação que ninguém saberia enfrentar: exigiria o exercício do pensamento independente, o que “para muitos é totalmente impossível, e para grande maioria bastante penoso. (SABINO, 1984, p. 13)

A escola, espaço para a construção de conhecimentos por excelência, é permeada por uma profusão de “lugares-comuns” e de “ideias verdades” que, de certa forma, já fazem parte do cotidiano e por vezes passam “despercebidos”. Porém, na busca por uma docência crítica e reflexiva, não há como ignorá-los. Se, no campo artístico, várias fronteiras e conceitos há muito foram rompidos, inclusive no que tange à “manualidade” do fazer artístico, no ambiente escolar essa situação não é bem assim – pelo contrário.

Então, como trabalhar com esses estudantes? Como fazê-los sair do lugar-comum já afixado para as aulas de artes? Como trazer à contemporaneidade visões ainda presas ao “clássico” e que, por vezes, ainda incompreendem o moderno?

Para pensar em proposições e estratégias de aproximação deste público com a arte, senti a necessidade de conhecer mais profundamente suas ideias em relação a este campo de conhecimento. Para tanto, elaborei um questionário de “Verdadeiro” ou “Falso” a partir de 24 afirmativas. Pode parecer redutor aplicar um questionário no qual as respostas só podem ser *verdadeiras* ou *falsas*, porque, como sabemos, nem tudo é plenamente *verdadeiro* ou *falso*. Entretanto, eu queria trabalhar a partir da compreensão dos estereótipos presentes nas ideias dos alunos, e também aproveitar o caráter formativo que tais questões propiciariam.

Participaram desta etapa as nove turmas com as quais trabalho, sendo três de 5^{as} séries e duas de 6^{as}, 7^{as}, e 8^{as} séries, totalizando 163 entrevistas realizadas. Abaixo estão alguns exemplos das afirmativas presentes no questionário, já com a tabulação referente à aplicação inicial:

QUESTÃO	% V ¹	% F ²
1. A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).	76 ³	24
4. Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.	63	37
6. Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.	91	09
10. Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.	18	82
12. Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.	69	31
13. A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo: pessoais, cotidianas, políticas, ambientais, etc.	82	18
14. Todos os artistas visuais tem um momento de fama.	63	37
15. O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.	73	27
16. A arte deve ser bela e confortante. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.	50	50
18. Arte depende de talento.	63	37
22. Antigamente, não existiam artistas mulheres.	47	52 ⁴

¹ O percentual verdadeiro de um total de 163 estudantes.

² O percentual falso de um total de 163 estudantes.

³ Todos os percentuais foram “arredondados”, porém são apresentados com maior precisão junto aos apêndices.

⁴ Os percentuais que não conferem entre verdadeiro e falso, devem-se ao fato de que alguns alunos não se posicionaram em relação à afirmativa.

Como se pode perceber, o questionário apresenta perguntas polêmicas, “ideias fixas” e palavras inclusive bastante fechadas e por vezes reducionistas, como *sempre, nunca, jamais, exclusivamente*, entre outras. Tais perguntas/afirmativas, embora muitas vezes preconceituosas e com detalhes que podem confundir, foram propositalmente pensadas com o intuito de analisar a reação dos alunos durante os questionários e em comentários posteriores. São questões/afirmativas em grande parte dúbias, mas propulsoras de discussão, de profusão de ideias, de reflexão. E esse é o maior objetivo, fazer pensar.

Analisando os índices apresentados, assim como a própria fala dos alunos em relação às aulas, fica evidente que há uma grande distância – melhor dizendo, lacunas/fragmentações – no que se refere ao conhecimento ou entendimento dos alunos em relação à arte. Propor o contato com a arte contemporânea é, sem dúvida, indispensável, mas essas propostas devem estar permeadas por discussões que envolvam a história e, em especial, a história da arte.

Proposições/Estratégias: a vivência em sala de aula

A partir das observações no espaço escolar e do perfil inicial que os questionários me possibilitaram traçar, o meu desafio maior era pensar em estratégias para discutir e refletir acerca da presença da arte na vida dessas crianças e adolescentes. Mas, afinal, qual seria a importância da arte no cotidiano de uma sala de aula? Ana Mae Barbosa, discorrendo sobre o tema, nos diz que:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA in: ARANHA & CANTON, 2011, p.79)

Portanto, a arte é uma experiência que necessita ser vivenciada. Não há como transmitir sua significação por outros meios que não ela mesma. Mas como propor esse contato, ou melhor, essa aproximação aluno-arte? Como gerar essa experiência? Como garantir que esse contato seja efetivo?

O planejamento de trabalho inicial previa cerca de quatro meses, estimando 16 encontros com cada turma, sendo que, ao final, o número de encontros foi estendido. Para estas proposições e posterior análise/reflexão, foram escolhidas apenas quatro das nove turmas iniciais: foram duas turmas de 7^{as} e duas de 8^{as} séries, devido à especificidade das atividades planejadas e também para possibilitar uma análise mais atenta tanto quanto ao processo, quanto ao que dele decorreu. No total, dos 167 alunos da sondagem inicial, ficaram aproximadamente 100.

Pensando, portanto, no que seria produtora aos cerca de 100 estudantes com quem trabalharia de modo mais pontual, elaborei a seguinte “lista de prioridades”:

ATIVIDADE/PROPOSIÇÃO	OBJETIVO
(1) O contato com uma exposição de artes visuais	<ul style="list-style-type: none"> - Observar e pensar o que seriam os “espaços da arte”; - Sondar com que frequência os estudantes visitam esses espaços; - Discutir como eles se relacionam com esses espaços;
(2) Trabalho em sala de aula a partir de vídeos que integram a exposição “6 Bilhões de Outros”	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir modos de exibição de uma exposição de arte; - Questionar o suporte empregado em arte contemporânea e a figura do artista; - Perceber a arte como projeto/ideia; - Colocar-se no lugar do artista como proponente;
(3) O livro de artista (atividade realizada somente com as turmas de 8 ^{as} séries)	<ul style="list-style-type: none"> - Propor o contato dos alunos com um artista; - Mostrar que a arte pode se dar em diferentes suportes; - Apresentar livros de artistas em diferentes contextos; - Estimular a experiência de produção de um livro de artista;
(4) Alinhando história e arte	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar historicamente obras, artistas e períodos da história da arte; - Exercitar leituras de imagens; - Trabalhar com tensionamento de tempos e formas;
(5) Um percurso fora do espaço escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Sair do espaço escolar, da reprodução e da imagem digital; - Propor o contato e a experiência frente a trabalhos artísticos; - Ter contato com a Bienal do Mercosul.

Como é possível observar, os propósitos eram “gigantescos” e ambiciosos, muito além do que seria possível nos exíguos 40 ou 50 minutos semanais dedicados à disciplina. Entretanto, ao elaborar e realizar, com os alunos, os exercícios sugeridos, tinha esses mesmos objetivos em mente.

Algumas das proposições foram realizadas como tarefa extraclasse, sendo a primeira **(1) O contato com uma exposição de arte** realizada individualmente, com orientações e reflexões em aula, através do relato dos alunos sobre a experiência. Os comentários trazidos pelos alunos indicaram o fato de não ser habitual o contato com esses ambientes, e do “espanto” e não familiarização com o que é exibido. Mesmo sabendo que veriam uma exposição de artes visuais, o que encontraram nas exposições causou certa surpresa.⁵ Além da não familiaridade com esse tipo de atividade, ficou evidente também a resistência, de grande parte dos alunos, em realizar uma proposição de trabalho diversa do habitual.⁶ Pensar que se pode aprender algo realizando um trabalho, além de fazê-lo pela “nota” ainda parece estar um pouco distante do pensamento da maioria.

Muitos dos que realizaram a atividade não encontraram a exposição principal, ou acabaram visitando somente parte da exposição, ou um andar do local. Creio que esses casos ocorreram devido ao desconhecimento e não familiarização com esses espaços, e mesmo por vergonha de questionar os funcionários do local. O que poderia reverter esse quadro? Talvez um trabalho em sala de aula, apresentando esses espaços expositivos e como se dá o acesso aos mesmos. Na verdade, pude perceber que a mera apresentação do material impresso de divulgação das instituições mostra-se pouco eficiente como artefato de “sedução” para esses jovens, mais ainda quando se trata do primeiro contato com tais espaços.

As atividades **(2) Trabalho em sala de aula a partir de vídeos que integram a exposição “6 bilhões de Outros”**,⁷ **(3) O livro de artista**⁸ e **(4) Alinhando história e arte** ocorreram durante as aulas, conforme o ritmo de trabalho de cada turma e também foram articuladas e adaptadas conforme as principais as necessidades apresentadas.

O trabalho desenvolvido a partir da exposição **“6 bilhões de Outros”** permitiu que “visitássemos” juntos uma exposição de arte, que discutíssemos sobre ela, sobre a maneira de exibição, sobre o suporte, o papel do artista, etc. A atividade do **livro de artista**, possibilitou aos alunos envolvidos o contato com a professora e artista visual Adriana Daccache, que

⁵ Como a grande maioria reside na zona central de Porto Alegre, muitos visitaram a exposição que acontecia no Santander Cultural, *Agora, Ágora, criação e transgressão em rede* (mostra ocorrida no período de 26 de maio a 07 de agosto de 2011, sob a curadoria de Angélica de Moraes) ou *Labirintos da Iconografia* (exposição realizada no período de 29 de junho a 15 de agosto de 2011, com curadoria de José Francisco Alves) em exibição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) praticamente no mesmo período.

⁶ Cabe mencionar que somente 40% dos estudantes realizaram a proposição.

⁷ Vídeo exposição de Yann Arthus-Bertrand e da Fundação GoodPlanet, em exibição no Museu de Arte de São Paulo (MASP), de 20 de abril a 10 de julho de 2011.

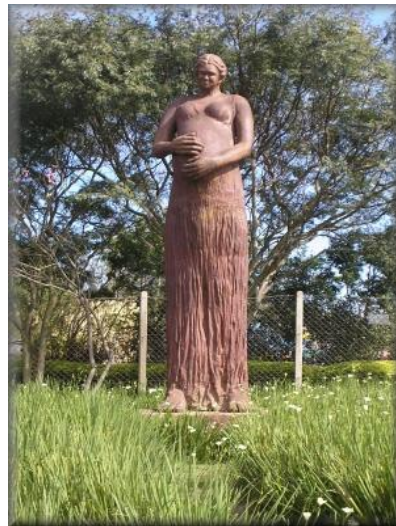
⁸ Atividade realizada somente nas turmas de 8ª série.

possui extensa pesquisa acerca do tema, e, em certa forma também já desmistificando a figura do artista, trazendo-a até o ambiente escolar. Adriana Daccache trouxe à escola sua pesquisa, apresentando aos alunos a produção artística relacionada ao tema/suporte em diferentes contextos históricos, apresentando também artistas referenciais da história da arte⁹, já suscitando debate e interesse para a atividade que se daria em seguida.

Dando prosseguimento, na atividade **(04) Alinhavando história e arte**, os alunos realizaram uma pesquisa acerca de dois trabalhos artísticos, de diferentes épocas, buscando mais informações sobre os mesmos assim como sobre os artistas e o contexto de produção dos trabalhos. Apresentava-se a pesquisa para a turma, quando juntos discutimos cada trabalho, localizando e afixando as reproduções em uma “linha do tempo”, que se constituía aos poucos pelas quatro turmas que realizavam a proposta. Esta linha deveria ficar exposta em um corredor, onde os alunos circulam diariamente, porém isso não foi efetivo durante todo o decorrer da atividade, fato que considero ter prejudicado em certa forma o desenvolvimento do projeto. Porém o maior objetivo foi alcançado, trabalhar com tensiomanento de tempos, conhecer diferentes produções artísticas e compreender principais referentes da história da arte que seguem influenciando a produção contemporânea. Vale apresentar aqui um comentário que surgiu em relação às imagens que exponho abaixo:



Cildo Meireles (1948)
*Inserção em circuitos ideológicos 2 – Projeto
 Cédula: Quem matou Herzog?, 1970
 Carimbo sobre dinheiro*



Arminda Lopes, (1947)
*Monumento à mãe e ao bebê, 2005
 Bronze, 1,3X5m*

⁹ O debate maior se iniciou com a apresentação do *Livro de carne* (1978-79), trabalho do artista Artur Barrio. Em seguida, Adriana também mencionou, para enriquecer a discussão que havia entre os alunos (acerca do material utilizado por Barrio), o trabalho *Merda d'artista* (1961), de Piero Manzoni. Outros artistas que questionaram o sistema de arte e que são grandes referenciais também foram brevemente apresentados naquele momento e retomados com atenção posteriormente. Ex.: Marcel Duchamp, René Magritte e Andy Warhol.

[Aluno 1] *Como é que a mais antiga parece ser a mais contemporânea?*

[Aluno 2] *Mas acho que não pode, porque a da “mãe” é que é atual, não é?!?*

Através das atividades propostas e das discussões travadas em aula, os alunos puderam perceber que uma obra de arte feita há muito tempo pode continuar sendo contemporânea e que algumas produzidas atualmente podem não o ser, ou não apresentar características que a determinam como. Considero, apesar de alguns contratemplos, que essa atividade teve bastante êxito.

A última proposição realizada com os estudantes, foi **(5) Um percurso fora do espaço escolar**, aproveitando a presença da 8ª Bienal do Mercosul na cidade. Realizamos este percurso como atividade extraclasse, em datas e horários previamente combinados em aula. O principal objetivo era propor o contato direto com as obras expostas, e discutir acerca delas no espaço expositivo, experienciando tal contato. Em média, escolhemos entre três e quatro trabalhos para discussão em cada visita e após, realizávamos uma conversa de fechamento fora do espaço expositivo.

Em todas as visitas houve um comentário recorrente, sempre despontado ao iniciar a visita:

[Aluno 3] *Pô sôra, mas a gente só vai ver isso!?!*

Fiz questão de, em todas as vezes que sentamos para conversar, discutir a questão do “tempo” que a arte, principalmente a arte contemporânea, nos exige. Tempo que não somos acostumados a ter e que, por isso, quando nos dedicamos a observar esse tipo de produção, pode nos parecer “sem sentido”.

Como um retorno da atividade junto à Bienal, solicitei que os alunos realizassem um trabalho escrito, acerca da experiência. Além de apresentar questões que condizem especificamente ao contato dos estudantes com alguma obra presente na 8ª Bienal do Mercosul, solicitava a reflexão acerca da experiência, assim como das atividades realizadas em aula, durante os meses de trabalho. Surgiram reflexões instigantes, que exponho na sequência.

[Aluna 1] *Tenho que admitir que a pesquisa que fizemos em casa para a linha do tempo artística – atividade proposta pela professora – me fez entender, ainda melhor, tudo que havia na Bienal.*

[Aluna 2] *Quando temos a oportunidade de ter aulas de artes fora da aula (escola), podemos ver as coisas de perto, de ver como elas são, de provar a sensação.*

[Aluna 3] *Descrevo essa experiência de uma aula fora da sala com produtiva, não há outro adjetivo que se aplique melhor. Fez todos nós – alunos – prestar mais atenção e sentirmo-nos mais livres para fazer perguntas e comentar sobre os trabalhos. Levo dessa experiência a lição que arte não é algo [só] para se contemplar, mas sim para nos fazer pensar e discutir conosco mesmo nossos valores e regras de sociedade.*

[Aluno 4] *Eu acho que as aulas de arte são importantes para nós percebermos que arte não é somente aquilo que retrate a realidade, como uma pintura de um rosto, ou a escultura de uma pessoa, mas também aquilo que te faz pensar, que pode modificar todo um modo de pensar de uma pessoa, ou de até uma sociedade inteira.*

Os depoimentos acima, portanto, atestam que as atividades realizadas tocaram nos alunos e, de alguma forma, os sensibilizaram para imagens, objetos e situações para as quais antes, provavelmente, eles tinham pouca ou nenhuma abertura. Considero isso, sem dúvida, um ganho expressivo. Mas também houve, como não poderia deixar de ser, manifestações não tão estimulantes, que igualmente reproduzo:

[Aluna 4] *Eu esperava algo melhor, sinceramente. Minha 1ª impressão foi: ‘Putz! Isso?’ [...] Não defino a arte contemporânea, pois não gosto. [...] Não levo desta experiência nada para minha vida. Em nenhum sentido a arte pode interferir no meu dia-a-dia, pelo menos.*

[Aluna 5] *Eu não sou chegada nesse aspecto, por isso não vejo muita importância nas aulas de arte.*

[Aluna 6] *[...] Não tenho definições para a arte contemporânea. Ainda não vi a importância das aulas de artes, apenas para conhecer. Nunca tinha ido em uma Bienal, foi diferente. Não levo nada de experiência. Acho que na arte contemporânea qualquer coisa é obra de arte.*

A percepção final da “Aluna 6”, de certa forma, não deixa de ter seus acertos. De fato, na arte contemporânea, “qualquer coisa” pode ser arte, e é também nessa característica que reside o potencial mágico de tal produção: de nos fazer observar que as “mínimas coisas” são

capazes de motivar, emocionar, fazer pensar. Característica que deve ser discutida, problematizada e levada para o ambiente escolar.

Considerações finais

Depois de cinco meses de trabalho com os estudantes, julguei interessante aplicar o mesmo questionário realizado nos primeiros contatos; todavia, não solicitei apenas a indicação de um “V” ou de um “F”, mas o comentário escrito sobre cada uma das respostas.¹⁰ É curioso registrar que houve casos (muitos) em que os estudantes marcaram as duas opções; ou seja, a questão poderia ser verdadeira ou falsa, dependendo do seu entorno. Ao aplicar novamente o questionário, a minha motivação era verificar, a partir da “quantificação” possibilitada pelo instrumento de análise, o que havia mudado em relação ao quadro inicial. Sem apresentar “tabelas” neste momento, mas analisando os comentários e índices dessas respostas, cabe ressaltar alguns apontamentos:

Entre os que consideraram “Falsa” a afirmativa “*Arte depende de talento*” justificaram seu posicionamento dizendo que muitos artistas fazem “rabiscos” ou “coisas estranhas” e isso é arte; portanto, para “fazer arte” não seria necessário *talento*. Fica evidente, com isso, a ligação do conceito de “talento” com algo “bonito” e “agradável”. Já entre os que consideraram a questão como sendo “Verdadeira”, despontaram observações de que a arte não depende *unicamente* ou *somente* de talento, apontando que outros fatores também são importantes. Ainda há um terceiro grupo, que indicou V e F, justificando que a aptidão da pessoa pode facilitar, mas que também é preciso trabalhar para desenvolver.

Quanto à afirmativa de que “*A arte deve ser sempre bela e confortante, jamais podendo perturbar ou fazer provocações*”, a grande maioria considerou se tratar de um fato “Falso” e que, sim, a arte pode trazer diferentes questões, inclusive discutindo temas “desagradáveis”; muitos ressaltaram, porém, que eles, particularmente, preferem “a arte bela”. A partir da relação estreita que desenvolvi com os estudantes, permito-me intuir que isso se deve ao fato de eles considerarem mais fácil compreender a arte “bonita”. Uma alternativa que dialoga com essa é a de que “*A arte pode falar de questões cotidianas*”; para essa, 98,5% dos alunos disseram se tratar de uma “verdade”; o maior índice de concordância em todos os questionários. Se observarmos esse resultado com o anterior, há algo no mínimo curioso: o

¹⁰ Lembrando que, em um primeiro momento a aplicação desse questionário contou com 167 alunos e que, agora participam somente os 100 alunos envolvidos na realização das proposições descritas no decorrer do texto.

cotidiano, como sabemos, nem sempre é “bonito”; e agora? Trata-se de um ponto que certamente merece ser retomado e melhor discutido em sala de aula.

Acerca disso, creio ser interessante fazer uma pequena digressão: como sabemos, durante muito tempo, quando as pessoas se referiam à “arte”, associavam-na à palavra “bela”. Eram as chamadas “belas artes”; estudava-se, inclusive “belas artes”, tanto que as escolas igualmente eram conhecidas através dessa nomenclatura.¹¹ Na contemporaneidade, vários termos durante séculos associados ao campo da arte (beleza, sensibilidade, expressividade, etc.) hoje já não são os alicerces do discurso sobre arte, entrando em inequívoco desuso; no lugar dessas e de tantas outras palavras, emergiram outros conceitos, aos quais o público não especializado nem sempre está familiarizado, muito menos o público escolar.

Essas mudanças que ocorreram no campo artístico não podem ser ignoradas no ensino de arte, sendo indispensável que se criem oportunidades para o debate acerca dessa transformação. A escola é lugar de desenvolvimento do estudante, lugar onde esses são “postos” em contato com vários conhecimentos. Se o que conhecem na escola como arte é artesanato, trabalhos bonitos e decorrentes da manualidade, obviamente vão esperar ver o mesmo em exposições de arte.

Se os estudantes vivenciaram, durante anos, aulas de arte que em nada condizem com a produção artística atual, calcadas em racionalidades ainda modernas,¹² e que não estabelecem pontes com os seus cotidianos, como esperar que eles se mostrem abertos e reflexivos a esse campo? Como esperar posturas diferenciadas? Por que imaginar que eles deveriam demonstrar interesse, se pouco ou nada conhecem sobre o tema em questão? Ao se depararem com o que não esperam ver como “arte”, esses alunos entrarão em uma zona de desconforto, da qual tentarão escapar o mais rápido possível (daí, inclusive, o pouco convívio com museus). A dificuldade em demonstrar abertura a algo que se desconhece é evidente, e com o passar do tempo¹³ tal distanciamento só tende a aumentar. Portanto, vejo as proposições que os professores de arte podem realizar em sala de aula como uma possibilidade real e de grande potencial, pois parece-me cristalino que o principal motivo pelo qual esse público se distancia da arte contemporânea é o *desconhecimento*.

¹¹ Até o ano 1962, o próprio Instituto de Artes da UFRGS era conhecido por Instituto de Belas Artes (IBA); vale registrar que ainda hoje algumas escolas e instituições de ensino superior no Brasil mantêm essa terminologia.

¹² Ver mais sobre as “formas de racionalidade para justificar a arte na educação” em: HÉRNANDEZ, Fernando. A arte na Educação para compreensão da cultura visual. In: _____ Cultura Visual: mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.37-58.

¹³ Se nenhum trabalho for desenvolvido em relação a isso.

Acredito que nós, professores de arte, somos professores-propositores, e se nós não propusermos experiências que busquem reverter essa situação de comodismo, desestabilizando conceitos e posturas “confortáveis”, remexendo “lugares-comuns”, jamais poderemos esperar tal postura de nossos educandos. Educação é ação múltipla. Não é transmissão de um pretense “conhecimento” de uma direção à outra. Exige envolvimento e entrega¹⁴ de todas as partes, e nenhuma sai “ilesa”. Penso que essa é a maior função do professor: afetar (no sentido de “tocar” e também com a ideia de “afeto”), mas antes de tudo também se deixar envolver pelo ambiente em que está, para que, a partir desse envolvimento, possa criar proposições que façam sentido às pessoas.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Educação para as Artes Visuais: do MAC USP ao Balanço das Águas. In: ARANHA, Carmem S. G; CANTON, Katia. (Orgs.). **Espaços da mediação**. São Paulo: PGEHA / Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2011. P.63-83.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SABINO, Fernando. **Lugares-comuns**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

¹⁴ No sentido de participação integral.